

CONSTRUCIONALIZAÇÃO DO ITEM AGORA EM GÊNEROS ACADÊMICOS

Francisco Clébio de Figueiredo ¹
Rosângela Maria Bessa Vidal ²

RESUMO

O estudo sobre a construcionalização do item *agora* em gêneros acadêmicos tem como base a teoria da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU e, de modo particular, nos princípios da iconicidade, marcação e gramaticalização. A partir disso, objetiva em analisar os usos construcionais desse circunstanciador nos contextos de comunicações das dissertações e teses da área da saúde, com o intuito de descrever os fenômenos de variação e de mudança que o *agora* pode manifestar através das formas multifuncionais e pelo seu grau de informatividade. É um trabalho relevante por apresentar aspectos consideráveis no estudo da língua e, principalmente, no ensino produtivo de gramática, ou seja, no uso da linguagem em contextos discursivos e pragmáticos. Baseado nos pressupostos teóricos de Givón (1995), Hopper (1987), Traugott (1991), Lakoff (1987), Neves (2006), Martellota (2011), Castilho (2012), Bechara (2006), em que compreendemos a linguagem como um instrumento de interação social e possibilita o seu entendimento por meio dos elementos que estrutura a gramática, suas intenções e seus usos. Metodologicamente, é uma pesquisa documental e qualitativa sendo que trabalhamos com amostras retiradas do português contemporâneo encontradas nas dissertações e teses. Assim, os resultados dessa pesquisa tendem a despontar que o item *agora*, a partir de uma função lexical como advérbio de tempo, evolui para a função mais discursiva, o que evidencia a existência de vários usos e o enquadra no paradigma da gramaticalização.

Palavras-chave: Construcionalização, Item *agora*, Multifuncionalidade, Gramática.

INTRODUÇÃO

O interesse pela linguagem e suas manifestações não é privilégio, mas é algo que sentimos em maior ou menor grau, pois faz parte de nossa vida e, em ocorrências de seus usos, a mesma é uma ação real e efetiva que possibilita aos seus falantes adequá-la as situações comunicativas. A linguagem tem um caráter funcional porque não separa o sistema linguístico e suas peças das funções que têm de preencher, e, ao mesmo tempo, é maleável, reconhece na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por detrás do seu constante desenvolvimento.

A temática da construcionalização do item *agora* em gêneros acadêmicos permite uma análise dos usos construcionais desse item lexical, pois é bastante recorrente na interação verbal

¹Graduado em Letras – UERN (2010); Graduado em Pedagogia - UNINTER (2018); Especialista em Linguística Aplicada – UERN (2013); Mestre em Letras – UERN/PPGL (2015); Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – UERN; Professor da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar. Professor da rede pública estadual do RN. E-mail: clebiolima99@hotmail.com

² Doutora em Estudos da Linguagem, com área de concentração em Linguística Aplicada, professora adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Integra o Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UERN), como docente permanente. E-mail: rosangelavidal@uern.br

da fala ou da escrita, sem desconsiderar a quantidade de formas exercidas nas mais diversas manifestações textuais. Torna-se instigante essa pesquisa por apresentar aspectos significantes para o estudo da língua e para uma análise produtiva do ensino de gramática, observando os fenômenos de variabilidade e mudanças linguísticas.

Para uma melhor compreensão dos usos do *agora* estudamos alguns trabalhos sobre esse item, seus usos e funções. Entre eles citamos: Bertuleza (2013), Silva (2010), Galbiatti (2008), Souza Júnior (2005), Rodrigues (2009), Martellota (1991), Ilari (2007), Lins (2007) e Niedzieluk (2004). As reflexões teóricas e as análises produzidas por esses pesquisadores colaboraram para a construção desse conhecimento científico e ajudou na identificação das mudanças de seus usos no âmbito da linguística funcional, da trajetória de gramaticalização e da multiplicidade de funções.

Como objetivo geral desse estudo, analisar os usos construcionais do item *agora* em gêneros acadêmicos em perspectiva das categorias de iconicidade, marcação e gramaticalização da LFCU e, como específicos, identificar os usos compilados do item *agora* em gêneros acadêmicos manifestados através das formas multifuncionais e do grau de informatividade como, também, descrever os fenômenos de variação e de mudança em que o circunstanciador *agora* exerce em maior frequência de ocorrência nos gêneros acadêmicos. Por meio desses objetivos, enfatizamos o espraiamento funcional do item *agora* e suas relações gramaticais motivadas pela cognição e interação do falante.

É um estudo de caráter documental e qualitativo. Temos como fundamentação teórica a Linguística Funcional Centrada no Uso - LFCU, pela qual compreendemos que as línguas são motivadas e moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e funcionais. Dentre esses princípios, a iconicidade, marcação e gramaticalização. Para completar os aspectos teóricos desse estudo, nos orientamos pelas abordagens da gramática de construção que concebe as unidades linguísticas como associações particulares e indissociáveis entre a forma, sentido e função ou ainda pela relação textual-discursiva, do discurso, contexto e texto.

Por fim, pelos dados alcançados por ora, as contribuições desse estudo possam ampliar a discussão sobre o Funcionalismo Linguístico como, também, as influências dos princípios (iconicidade, marcação e gramaticalização) dessa teoria presentes nas construções comunicativas (orais ou escritas) dos falantes em seus contextos discursivos ou intercomunicativos quanto a interpretação que o destinatário faz dela. Ademais, sirva de fonte de pesquisa para os estudantes de Letras estendendo aos profissionais da área de linguagem e demais pesquisadores.

METODOLOGIA

Nesse tópico destacamos os procedimentos metodológicos que utilizamos para a análise da construcionalização do item *agora* em gêneros acadêmicos. A pesquisa apresentada tem um caráter bibliográfico, documentária³ e qualitativa. As amostras do item *agora* coletadas nos gêneros acadêmicos foram analisadas pelo método descritivo – interpretativo o qual incide na descrição dos eventos comunicativos desse item lexical e suas manifestações. Assim, para esta investigação apontamos a construcionalização do *agora* a partir dos aspectos da sintaxe, da semântica e dos aspectos pragmáticos.

Na identificação e análise desse estudo seguimos os seguintes critérios: (i) critérios sintáticos e semântico-pragmáticos, que permitem caracterizar a distribuição de um item de maneira a decidir, assim, se seu emprego o determina como elemento gramatical ou lexical; (ii) critérios de frequência, nesse caso, deve-se observar a frequência global de ocorrências do item *agora* e, também, o mapeamento das funções construcionais desempenhadas pelo mesmo; (iii) critério morfossintático examinaremos a quantidade dos tipos de formas do *agora* presentes nas teses e dissertações e, por último, (iv) a construção variacional e multifuncional de *agora*.

Com esses critérios, percebemos que os fenômenos linguísticos estão constantemente em situação de variação e se encontram também em processos de mudanças e de funcionamento. Com isso, a aparente regularidade e instabilidade da língua são motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007).

Por fim, esperamos colaborar nos estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU, e, por extensão, fortaleça os princípios da LFCU adotados nesse trabalho, os quais auxiliaram no entendimento das mudanças de funções do item *agora* evidenciados pelos elementos mórfico-sintáticos, semânticos e pragmáticos

DESENVOLVIMENTO

Pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso

A teoria funcionalista que norteia esta pesquisa é, recentemente, denominada como Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), baseia-se no uso da língua falada e escrita para subsidiar a investigação desses fenômenos linguísticos em situação concreta de

³ Segundo Gil (2017, p. 29), é utilizada em praticamente todas as ciências sociais e constitui um dos delineamentos mais importantes no campo da História e da Economia. [...] vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas, tais como assentamento, autorização, comunicação etc. [...] Dentro os mais utilizados nas pesquisas estão: documentos institucionais, mantidos em arquivos de empresas, órgãos públicos e outras organizações.

intercomunicação. Essa abordagem é resultado das relações desenvolvidas pelas pesquisas de representantes da Linguística Funcional, como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, Christian Lehmann, Bernd Heine, entre outros, como também representantes da Linguística Cognitiva George Lakoff, Ronald Langacker e John Taylor. Essas correntes linguísticas apresentam vários pressupostos teórico-metodológicos em comum, tendo em vista a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem nos contextos reais de fala.

Em Martelotta (2011), o modelo passou a ser usado como “Linguística Centrada no Uso” e, como referência teórico-metodológica do Grupo Discurso e Gramática (D&G – Natal/RN), e, em virtude dos estudos desenvolvidos por esse grupo passou a ser também designada como Linguística Funcional Centrada no Uso. A LFCU é uma abordagem que, em seu objetivo, consiste no fato de que a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada, ou seja, em sua análise preocupa-se com os aspectos formais da língua e os dados relacionados aos contextos comunicativos, semânticos, pragmáticos e discursivos.

Nesse sentido, a LFCU compreende as regularidades e a instabilidade da língua pela motivação e modelagem das práticas discursivas dos usuários no cotidiano social (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007). Busca, no entanto, descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que se manifestam nos diversos contextos de uso da língua, relacionando sincronia e diacronia, conseqüentemente, numa abordagem panocrônica.

Para tanto, na gramática de uma língua devemos observar que suas regularidades são decorrentes de pressões cognitivas e do uso, ou seja, um sistema aberto, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo emprego que lhe é dado no dia a dia. Com isso, a linguística funcional segundo Furtado da Cunha (2008, p.157) destaca em excelência “a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”.

Na abordagem da LFCU, a linguagem deve ser compreendida como um instrumento de interação social, uma relação de funcionalidade estabelecida pelo momento de comunicação e, principalmente, a receptividade que o interlocutor consegue apreender da mesma. Por isso, em seus estudos, os teóricos procuram investigar os aspectos caracterizadores da língua e os elementos que formam a estrutura gramatical, suas intenções e o seu contexto de uso.

Uma característica evidente no processo linguístico dessa abordagem é o conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao produtor do enunciado. Na verdade, na linguística funcional não constitui um conhecimento específico, mas

propõe ao pensamento do indivíduo elaborar vários aspectos da significação e de uso em que a linguagem é empregada. No entanto, o funcionalismo constitui-se como uma corrente linguística baseada no uso da língua, cuja tendência principal é observá-la dentro de um determinado contexto linguístico ou numa situação extralinguística.

Nesse sentido, o funcionalismo sendo um movimento linguístico e particular dá ênfase à função das unidades linguísticas, começando desde a fonologia, com o intuito de distinguir a demarcação das palavras; na sintaxe, o papel da função da estrutura da língua dentro da oração e em contextos diversos. Para tanto, no estudo de gramática na perspectiva funcionalista equivale a admitir interpretações que reflitam a natureza do funcionamento da língua, mediante as várias ocorrências descritivas que acontecem em sua estrutura, bem como conhecer as regras semânticas, sintáticas, morfológicas, fonológicas, mas, sobretudo, as regras pragmáticas.

Para a LFCU entre seus princípios, focamos nesse estudo as categorias de iconicidade, marcação e gramaticalização. A categoria de iconicidade é definida pela motivação entre a forma e função, ou seja, existe uma flexibilidade no uso da língua, o que postula uma relação isomórfica entre a forma e o conteúdo expresso pela estrutura da língua no momento em que o falante a usa. O princípio da iconicidade se manifesta em três subprincípios, que se relacionam à quantidade de informação, ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação sequencial dos segmentos.

O princípio de marcação diz respeito “à presença vs. ausência de uma propriedade nos membros de um par contrastante de categorias linguísticas” (FURTADO DA CUNHA, 2001, p. 60). Segundo Givón (1990), existem três critérios principais que podem ser usados para distinguir uma categoria marcada de uma não marcada, num contraste binário. São eles: a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa – ou maior – que a não marcada correspondente; b) complexidade cognitiva: a estrutura marcada normalmente é mais complexa cognitivamente (em termos de atenção, esforço mental ou duração de processamento) que a correspondente não marcada e c) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente, portanto, mais saliente cognitivamente, que a não marcada.

A gramaticalização sendo um pressuposto teórico que registra a flexibilidade do uso e das mudanças linguísticas dentro da fala ou escrita dos falantes, o termo foi introduzido no século XX por Meillet e que definiu como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1912/1948, p. 131). A gramaticalização mostra afinal, a tensão entre a expressão lexical relativamente livre de restrições e a codificação morfossintática, mas sujeita a restrições, deixando evidente a indeterminação relativa da língua

e o caráter não-discreto de suas categorias, o que representa uma interdependência entre o mais fixo e o menos fixo na língua (TRAUGOTT e HEINE, 1991).

Uma característica básica do processo de gramaticalização é a unidirecionalidade que parte do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida. Além dessa característica, os autores citam outras mais específicas: precedência do desvio funcional (conceptual ou semântico), sobre o formal (morfo sintático e fonológico), decategorização de categorias lexicais prototípicas, possibilidade de recategorização com restabelecimento da iconicidade entre forma e significado, perda de autonomia de um elemento, erosão ou enfraquecimento formal.

Com essas especificidades, a gramaticalização e a discursivização⁴ são fenômenos associados aos processos de regularização do uso da língua e suas manifestações que conduzem os falantes a adaptarem suas falas aos diferentes contextos de comunicação. Esses processos manifestam o aspecto não-estático da gramática, demonstrando que as línguas estão em constante mudança em consequência da incessante criação de novas expressões e de novos arranjos na ordenação vocabular.

Em virtude disso, as unidades migram para um nível não-gramatical, no sentido de que elas deixam de obedecer às restrições de seleção e, literalmente, retornam ao discurso (discursivização). Ademais, o processo que mais encontra abrigo no funcionalismo é a gramaticalização, pois, “é exatamente porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se explica pela interação entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele” (NEVES, 2006, p. 20).

Assim, as construções gramaticais passam em determinados contextos linguísticos a servir a outras funções gramaticais e, uma vez gramaticalizadas, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Vejamos o que apresenta a perspectiva da gramática de construção no tópico seguinte.

A gramática de construção em foco

A gramática de construção que, rompendo radicalmente com as tradições linguísticas formalistas, se firma neste estudo: a gramática de uma língua é uma rede de símbolos (construções) erguida na cultura através do uso (GOLDBERG, 1995, 2006; TOMASELLO, 2003). Por rede, entende-se que, ao contrário de formarem listas aleatórias, os símbolos – ao

⁴ Processo de mudança que leva determinados elementos linguísticos a serem usados para reorganizar o discurso, quando suas restrições de linearidade se perdem em função da improvisação típica da fala, ou para preencher o vazio comunicativo causado por essa perda. (MARTELOTTA; ALCÂNTARA, p. 277, 1996).

modo saussuriano de signo – se vinculam através de elos decorrentes de nosso modo sociocognitivo de conhecer e expandir conhecimento (projeções, radialidade, herança, prototipia). Tal rede é um feito, uma herança da cultura que se estabelece mediante o uso de símbolos, cuja produtividade e convencionalização lhes garante o estatuto de construção de uma língua.

Dentro de seus objetivos básicos, a Gramática das Construções não se diferencia, substancialmente, de nenhuma teoria da gramática em que se busca encontrar a melhor maneira de representar todas as facetas do conhecimento linguístico dos falantes (BOAS, 2013). Por outro lado, diferentemente de muitas outras abordagens, a Gramática de Construção concebe as unidades linguísticas como associações particulares e indissociáveis entre forma e sentido, denominando-as construções. Este é, pois, o construto nuclear deste modelo, o seu primeiro consenso teórico.

Com isso, a noção de construção gramatical se apoia na de símbolo linguístico (SAUSURRE, editado em 1983), pois a construção é também um pareamento de forma (sintática e/ou fonética e fonológica) com significado (funções semântica, pragmática e discursiva). A novidade é que a teoria construcional considera que toda e qualquer unidade gramatical pode ser descrita como uma construção, incluindo morfemas ou palavras, idiomatismos, padrões frasais ou oracionais parcialmente ou totalmente preenchidos.

Segundo Goldberg, todas as unidades da língua, como morfemas, palavras, sintagmas, orações, etc., são exemplos de construções gramaticais e podem ser caracterizadas como tal, ou seja, através de uma forma e um significado. É importante salientar que os esquemas construcionais tem respaldo na cognição, assim como todos os postulados da teoria. A origem dos esquemas está em nossas capacidades cognitivas gerais, como analogia e categorização⁵, que nos permitem formular padrões mais gerais para unidades mais específicas que compartilham características formais e/ou funcionais (LANGACKER, 2008).

Nesse sentido, sendo a construção a unidade básica da linguagem, a gramática, como expressão do conhecimento linguístico, passa a ser, por consequência, o conjunto de todas as construções de uma determinada língua. Dessa forma, os construcionistas deixam de pensar a gramática em termos de geração de sequências formais, para pensá-la em termos de um

⁵ A categorização é um processo cognitivo, automático e inconsciente que consiste no agrupamento de ocorrências que apresentam alguma semelhança observável. As categorias que formamos são influenciadas pelo mundo físico, por nossa biologia e por fatores culturais (LAKOFF, 1987). Segundo Langacker (1987), linguistas tem gradualmente reconhecido as estruturas linguísticas como categorias, que, assim como outras categorias do nosso sistema conceitual, possuem membros prototípicos e membros mais periféricos.

repertório de construções vinculadas radialmente por relação de herança, ou seja, a gramática de uma determinada língua é uma grande rede de construções, que abrange desde os níveis mais simples até os mais complexos.

Por essa razão, a gramática de construção é inteiramente fundada nos usos discursivos, pois a mesma é um produto da atividade verbal e deve ser vista também como um fenômeno social. A gramática é, assim, um conjunto de padrões emergentes de mecanismos de ativação linguística e que tem como ponderação a variação e a descrição dos fenômenos da língua. Conforme destaca Vidal (2009, p. 106) sobre a dinâmica dos valores semânticos dos advérbios “torna-se árduo denominar os advérbios a partir de classes semânticas, pois como é evidente, o mesmo item pode integrar mais de uma classe”.

Assim, nosso olhar sobre a iniciativa construcionista da linguagem tem uma perspectiva privilegiada, o de reconhecimento da dimensão do uso de *agora* na instituição da linguagem e como a visão de linguagem coloca em relevo a dinâmica do uso desse circunstanciador, reconhecendo que os processos de aquisição e aprendizagem, assim como de constituição da gramática e do léxico de uma língua são, por essência, resultantes do uso e da imersão em cenas de atenção conjunta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos aqui uma pequena amostra⁶ dos usos do item *agora* a partir das ocorrências selecionadas no *corpus*, acompanhadas de uma análise qualitativa dos dados catalogados. Nesta etapa de estudo, destacamos as possibilidades sintático-semânticas e pragmáticas do circunstanciador *agora* através de seu deslizamento de funções.

Temporal neste momento/momento atual

A função temporal neste momento/momento atual do *agora* revela o nível de iconicidade transparente entre forma e significado, de onde surge a impressão de variação com mais de um significado associado a uma só forma e adquire um papel na organização da escrita dos informantes. Vejamos a amostra (1).

(1) “I: ...Quando minha estava grávida da minha irmã que agora tem 8 anos de idade, aconteceu outro acidente de automóvel em massaranduba, município de Ceará Mirim, e no outro mês minha mãe ganhou a minha irmã. Todos que vieram no carro se feriu; minha mãe, meu pai, eu, meu irmão e minha tia”. (ISGNEPPE, *Corpus D&G*, 1998, p. 265).

⁶ As amostras utilizadas nesse artigo do item *agora* são do *corpus* D&G, da pesquisa realizada no mestrado, tendo em vista que as ocorrências da nova pesquisa em gêneros acadêmicos (doutorado em andamento) estão sendo coletadas.

No exemplo (1), o uso do item *agora* é utilizado para delimitar o espaço discursivo ou argumentativo em que o falante se inscreve, distinguindo-o do espaço atribuído ao outro como também a evidente marcação temporal em torno da enunciação comunicativa. Apresenta assim uma aplicação prática à função de circunstanciador, predominando, principalmente, em sequências narrativas devido ao seu objetivo de pontuar no tempo os fatos descritos.

Enfático

Nessa função de *agora* enfático percebemos o quanto o contexto discursivo pode ser afetado tanto a partir de uma forma particular feita pelo falante quanto à interpretação que o destinatário faz dela. Isso significa que na função de enfático possibilita a identificação do destaque e da saliência apresentada pelo informante no momento da escrita.

(2) “I: [...] A sua mãe ao perceber ordenou que seu esposo tomasse a criança nos braços, já que agora estavam mais próximo de chegar, onde? ninguém sabia”. (ITGNRPE, Corpus D&G, 1998, p. 90).

No exemplo (2), a informante ressalta através do uso do item *agora* a ênfase em relação ao pedido que sua mãe fez a seu esposo para colocar em seus braços a criança. Com isso, demonstra a persuasão argumentativa estabelecida por esse vocábulo e a sua força semântica no momento de seu uso. Assim, entendemos que a situação enunciativa apresentada pela informante está presa a determinados contextos e, ao empregar o vocábulo *agora* caracteriza-o como dinâmico e na medida que o discurso progride, o contexto se modifica e atinge a escrita.

Aditivo

A função de *agora* aditivo consegue por meio do processo de discursivização perder restrições gramaticais, sobretudo, em seu uso exofórico e em seu uso juntivo, já que não integra a estrutura oracional e passa a exercer funções voltadas para organização de unidades discursivas em relação a tópicos ou segmentos de tópicos. Vejamos:

(3) “I: Chegaram a momentos gloriosos onde aquele pai de família pôde gastar seu dinheiro na cidade, e agora pudesse realizar o sonho de sua esposa, que era comprar uma cama igual a de seu Tomaz boladeira. Mas ele não teve sorte na cidade, pois, um soldado amarelo discutiu com ele e o espancou”. (ITGNRPE, Corpus D&G, 1998, p. 91).

No exemplo (3), o uso de *agora* como aditivo disponibiliza a continuidade lógica de sentido e de união entre as proposições, operando nessa situação escrita como um fator textual de organização das unidades discursivas. Dessa forma, torna-o um marcador discursivo com o objetivo de exercer a função de “*amarrar*” textualmente os acréscimos de informações estabelecidas pelo informante.

Diante disso, vamos compreendendo a capacidade funcional exercida pelo item lexical *agora*, o seu deslizamento de função e sua adequação semântica, fatores que encaminham esse item ao processo de gramaticalização por proporcionar uma amplitude categorial de usos.

Sequencializador

O *agora* com a função de sequencializador propícia uma continuidade em eventos específicos ou não-específicos de comunicação do contexto em que está inserido. Trata-se de um uso capaz de exprimir uma fluidez entre a enunciação escrita e a localização espacial do texto como destacamos na amostra (4).

(4) “I: Tem dia que eu passo horas e horas conversando sobre os estudos. Hoje mesmo eu passei a manhã inteira conversando sobre os estudos. Agora você vê porque eu gosto tanto de conversar sobre a escola.” (15°ARPE, *Corpus D&G*, 1998, p. 394).

Na amostra (4), *agora* é empregado como sequencializador e caracteriza-se como um fator de sequência lógica dos episódios comunicativos descritos pela informante. Nessa passagem, o item enfraquece sua noção temporal e passa a constituir uma relação de continuidade entre as informações do enunciado direcionando o leitor ao propósito do conteúdo textual construídos pela informante em seu relato de opinião.

Com isso, percebemos que o emprego de *agora* se relaciona a um sentido mais ampliado que o sentido dêitico, pois sua função é de servir como elemento organizador da sequencialidade discursiva em que ocorrem os eventos comunicativos.

Por essas funções apresentadas, (recorte da pesquisa realizada no mestrado) consideramos que o item *agora* segue um processo de gramaticalização caracterizado pela trajetória espaço > (tempo) > texto e, ao observarmos suas ocorrências, o mesmo se distancia de sua circunstância temporal propriamente canônica e vai diretamente para o texto. É no texto que esse elemento passa a assumir funções discursivo-pragmáticas tendendo estas a inserir informações novas.

Portanto, como foco básico de investigação, os princípios da LFCU em seus diversos propósitos de investigação linguística contribuem no estudo de como as línguas evoluem ao longo do tempo, variam de acordo com o usuário e de acordo com as funções para as quais ela está sendo usada. Com isso, alguns traços de sentido espacial persistem claramente em usos com valor temporal do item *agora*, mas não se manifestam de forma transparente e, necessariamente, em usos que encadeiam o discurso. Esses usos já possuem um sentido mais abstrato e com uma função específica de organizar o discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a discussão até aqui realizada, revela a necessidade de se repensar a visão clássica, que atribuímos à classe dos advérbios e, em particular, ao circunstanciador *agora* pelo fato de termos constatado pelos dados apresentados nesse estudo e durante nossa investigação (doutorado em andamento) que esse item apresenta usos que vão além da sua função prototípica de dêitico temporal, assumindo outras funções relacionadas aos segmentos do texto e, em outros contextos, como funções mais discursivas.

Como vimos, o elemento *agora* passa a assumir funções argumentativas, textuais, discursivas e pragmáticas sem deixar de notar a sua função prototípica de advérbio temporal. Com isso, incide a depender mais das características gramaticais específicas de suas novas funções que surgem em contextos específicos, assumindo posições mais fixas dentro da sentença ou do texto o que se deve ao fato de que, além de contarmos com os fatores sociais (idade e escolaridade) e outros previstos por teorias existentes, possibilitou o deslizamento funcional do item *agora* nos níveis gramatical, textual e discursivo como aponta em sua variação e mudança.

Outra questão a ser pontuada diz respeito ao quesito mudança linguística. Ressaltamos que mudança, nessa perspectiva, não diz respeito à alteração definitiva de forma ou sentido, mas sim, a uma variação dos atributos caracterizadores dos termos com o objetivo de se enquadrarem nos enunciados em que são utilizados conforme as necessidades dos usuários da língua. Com isso, a visão pancrônica (diacrônica/sincrônica) é imprescindível para observarmos de forma mais completa, a trajetória de gramaticalização do item *agora* e, conseqüentemente, o próprio funcionamento da língua.

Por fim, acreditamos que esse estudo possa colaborar também no Ensino de Língua Portuguesa, principalmente, nas aulas de gramática, considerando que as ocorrências de novos usos do item *agora* se dão em meio à estabilização de muitos outros, relativizando-se, assim, a proposta da gramática *emergente*, como definida por Hopper (1991). No entanto, é importante considerar muito seriamente o fato de que os enunciados são produzidos e entendidos no contexto, já que a intenção do falante não surge em um *vacuum*, mas sim, em um multifacetado contexto comunicativo.

REFERÊNCIAS

BERTULEZA, S. D. C. **Os usos dos itens antes, agora e depois em gêneros acadêmicos.** 112f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2013.

BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p.233-254.

FIGUEIREDO, F. C. **Uso do item *agora* na fala e escrita da cidade do Natal**. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A. **O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação**. D.E.L.T.A., v. 17, p. 1-30, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

FURTADO DA CUNHA, A. O funcionalismo norte-americano. In: PALOMANES, R.; LEITÃO, M. M.; KENEDY, E.; WILSON, V.; COSTA, M.A.; VOTRE, S.; FURTADO DA CUNHA, A.; CEZARIO, M. M.; OLIVEIRA, M. R. de.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

FURTADO DA CUNHA, M. A. **Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.

GALBIATTI, M. E. **Análise comparativa do processo de gramaticalização das perífrases conjuncionais *agora que* e *já que***. 188f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, *Campus* de Araraquara, 2008.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago and London: The University Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. II. Philadelphia: John Benjamins, 1990.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**, Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. In: **Alfa**. São Paulo: 51 (1), 2007, p. 151-174.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive Grammar**. Vol. I Stanford: Stanford University of Chicago Press 1987.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**. A basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. What categories reveal about the mind. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LINS, M. da P. P. Gramaticalização de agora. In: **R. (Con) Tex. Ling.** Vitória [nº 1], 2007, p. 135-154.

MARTELOTTA, M. E.; ALCÂNTARA, F. Discursivização na partícula né?. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (org.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2011.

MARTELOTTA, M. E. T. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação:** Uma visão funcional. 229 p. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.

MEILLET, A. **L'évolution des forms grammaticales.** In: Linguistique historique et linguistique générale. Paris: Champion [1912], 1948.

NEVES, M. H. M. Estudar os usos linguísticos. Ou: A visão funcionalista de linguagem. In: **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006, p.15-31.

NIEDZIELUK, L. C. **Afinal, como se apresenta o agora no discurso oral de Florianópolis:** conector/elo discursivo ou advérbio temporal?. Publicado em: Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2004.

RODRIGUES, F. C. D. **Padrões de uso e gramaticalização de agora e então.** Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense – Instituto de Letras, 2009.

SAUSURRE, Ferdinand de. **Course in General Linguistics.** 1916. Editado por Charles Bay e Albert Sechehaye e traduzido por Roy Harris. 1983.

SILVA, E. C. **A gramaticalização do item agora no português brasileiro.** 169f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SOUZA JÚNIOR, R. C. **A multifuncionalidade do item agora em tiras de quadrinho:** da gramática ao discurso. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Programa de Pós-graduação em Letras, 2005.

TOMASELLO, M. (Ed). **Constructing a language:** a usage-based theory of language acquisitions. Cambridge/London: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. **The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited.** In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (eds) Approaches to grammaticalization. Vol. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: Benjamins, 1991.

VIDAL, R. M. B. **As construções com adverbiais em –mente:** análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna. 187 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, 2009.